



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO –
CAMPUS XIV COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RÁDIO E TV**

LAÍNE LOPES DA SILVA

**AS EXPERIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE DE
CABOCHARD, EM VALENTE-BA.**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2018**

LAÍNE LOPES DA SILVA

**AS EXPERIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE DE CABOCHARD,
EM VALENTE-BA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Me. Moisés dos Santos Viana

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Me. Moisés dos Santos Viana.

Prof^a. Dr^a. Ilzimar Glória Ferreira Oliveira.

Prof^a. Me. Vera da Silva Rocha.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2018**

DEDICATÓRIA

Á minha família e filhos peludos, pois são a base da minha existência.

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer a todas as pessoas que me acompanharam ao longo desse processo enquanto estive na universidade e que passaram os melhores e piores momentos comigo. Agradeço a todos de coração que de forma direta ou indiretamente passaram pela minha vida e que continuam nela, espero que se sintam contemplados nesse breve agradecimento.

Agradeço imensamente aos meus pais pela educação que me deram sempre me incentivando a seguir os meus sonhos, de estudar, viajar, ser independente. Agradeço ao meu irmão Odirlei, meu parceiro, que sempre me apoiou nas minhas escolhas e sempre teve paciência comigo. Não posso deixar de citar a Beth, minha prima que iniciou essa jornada comigo, mas que decidiu traçar outros caminhos para sua vida. E de forma bem especial agradeço a minha tia Lúcia, que tenho como uma segunda mãe, que mesmo de longe sempre se fez presente e nos ajudou muito nesse período. Agradeço a minha família, e aqui estou incluindo todos, por entenderem diversas vezes o meu afastamento.

Não poderia deixar de agradecer aos meus filhos peludos Amélia, Charlie, Mazikeen, que alegam a minha vida, recarregam as minhas energias, e claro, agradeço a menino Augusto, que infelizmente hoje não se encontra comigo pois usou a sua liberdade e fugiu por aí.

Agradeço as pessoas da minha comunidade e em especial as mulheres do grupo de produção que me acolheram e permitiram executar a pesquisa e o trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a UNEB, que me possibilitou ver o mundo de uma outra forma, abriu minha mente para contextos e causas que nunca havia me dado conta. Com a universidade aprendi a olhar criticamente para as coisas que nos são apresentadas e para além disso, tive oportunidades de conhecer muitos lugares, foram diversas viagens que amei fazer e pude conhecer pessoas de diferentes regiões que me fizeram crescer com cada experiência vivida. Fico extremamente feliz em ter a certeza que esse período foi extremamente enriquecedor, no qual pude vivenciar a universidade para além da sala de aula.

Aqui também deixo meu agradecimento a FAPESB, por ter me inserido na pesquisa de Iniciação Científica enquanto bolsista. Agradeço ao meu querido orientador Moisés, que com paciência me conduziu perfeitamente no desenvolvimento do meu trabalho de Iniciação Científica e de TCC, além disso, sempre trouxe leveza para as orientações, foram muitos risos, histórias exóticas, além dos papos maravilhosos sobre signos. Com isso, ele possibilitou que fosse um processo prazeroso e não traumático na confecção do presente trabalho. E nesse processo junto com o meu orientador, sou extremamente grata a Kea (Jucicléia), a quem considero como uma irmã e tenho um carinho muito especial. Foi quem nos acompanhou nessas aventuras durante as orientações, foi minha parceira de Iniciação Científica, monitoria e de vida.

Aos professores que me ensinaram várias lições de vida e de comunicação. Minha gratidão também aos técnicos, em especial Pedro Márcio, pois sempre me ajudou nas regras da ABNT e sempre me disse palavras confortáveis quando estava aflita por conta dos trabalhos acadêmicos.

Agradeço a todos os meus colegas de classe. Mas quero agradecer mesmo a Tatiane e Eude, por ter preenchido esses meus quatro anos e meio de muitas risadas, conselhos e cumplicidade. E não posso esquecer Bárbara, Bruno e Dandara que também contribuíram muito para que esses anos fossem inesquecíveis.

Por fim, agradeço a Deus, ao universo, a força maior que existe no mundo por ter me dado a oportunidade de viver tudo isso.

A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho trata das experiências da comunicação na comunidade rural de “Cabochará”, a qual pertence ao município de Valente, BA. Possui caráter antropológico, no qual é utilizada a perspectiva de base etnográfica (observação participante, diário de campo, entrevistas e registro fotográfico), pois visa um melhor aprofundamento do trabalho de campo e compreensão do processo de interacionismo simbólico da comunidade. Além disso, a necessidade do tema surgiu a partir da importância que tem as interações de comunidades locais para o convívio de um povo com outras culturas, sujeitos sociais e como se dá os processos de comunicação entre si. Em decorrência disso, o objetivo principal do trabalho é perceber de que forma está presente o gênero no cotidiano das mulheres dessa comunidade. E como objetivos secundários, descrever o processo de experiência comunicativa na comunidade, além de observar como o processo de interação entre as mulheres produtoras acontece entre si e entre outros sujeitos locais.

Palavras-chave: Comunicação; experiência da comunicação; mulheres rurais; interações sociais.

ABSTRACT

This present work is about communicative experiences in Cabochard, a rural community which belongs to the city of Valente, Bahia, and is part of the sisal territory. It has an anthropological feature, in which is used the ethnographic perspective (participant observation, logbook, interviews and photographic registers), because it aims a better fieldwork deepening, and understanding of the symbolic interactionist process of the community. Besides that, the urge for this theme showed up due to the importance that the interactions of local communities have with the coexistence of a people with other cultures, social subjects and how is given the communication processes between them. Therefore, this work's main objective is to realize the way the gender relations in the women daily lives is present in Cabochard community. As secondary objectives we aim to describe the communicative experience process in the community, and to observe how the interaction process of workers women happens between themselves and other local subjects.

Key-words: Communication; communication experience; rural women; social interaction.

LISTA DE SIGLAS

APAEB - Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira

CEB - Comunidades Eclesiais de Base

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PIJ - Projeto Integrado de Jovens

SINTRAF- Sindicato de Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Espaço físico onde as mulheres se organizam.....	12
Figura 02:Entrada da comunidade, placa com o nome equivocado.....	23
Figura 03: Associação comunitária da comunidade.....	25
Figura 04: Praça da comunidade.....	26
Figura 05: Torneio de futebol juvenil.....	27
Figura 06: Pessoal interagindo e ouvindo som embaixo da cajazeira, símbolo da comunidade.....	29
Figura 07: Moradora da comunidade vendendo alimentos oriundos da agricultura familiar	30
Figura 08: Experiência comunicacional pela interação dos sujeitos sociais na ceia natalina	31
Figura 09: Convite para a edição da ceia natalina do ano de 2017.....	32
Figura 10: Banner com identidade visual do projeto social.....	33
Figura 11: Crianças e adolescentes envolvidas no Projeto Sou+ Cabochard.....	34
Figura 12: Comemoração da páscoa.....	34
Figura 13: Moradora da comunidade realizando o preparo de canteiros para a plantação de hortaliças.....	42
Figura 14: Moradora da comunidade apanhando água para animais	42
Figura 15: Vacinando animais	43
Figura 16: Moradora alimentando animais.....	44
Figura 17: Canteiro decoentro.....	45
Figura 18: Plantação de Couve.....	46
Figura 19: Cercado coberto por sombrite, onde as hortaliças são plantadas.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CAPÍTULO: COMUNICAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA.....	16
1.2 O COTIDIANO NA COMUNIDADE.....	22
1.2.1 Os gestos e as falas.....	29
1.2.2 Interação na comunidade em eventos e projetos sociais.....	31
2CAPÍTULO: RELAÇÕES DE GÊNERO NO “GRUPO DE MULHERES”	35
2.1 O que se produz	45
2.2 USO DAS TECNOLOGIAS.....	47
2.2.1 Tecnologias no ambiente doméstico e rural.....	49
2.2.2 Tecnologias mediadas.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

O presente trabalho contém resultados de um estudo de campo oriundo da minha pesquisa de Iniciação Científica na presente universidade em parceria com a FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), na qual, foi realizada na minha própria comunidade rural, chamada “Cabochard”, que é pertencente a cidade de Valente, que está localizada no interior da Bahia, mais precisamente no território do sisal, o qual, é composto por 20 municípios e foi instituído para mudar o cenário do baixo desenvolvimento na região.

Contudo, ainda no que diz respeito à realização da pesquisa de Iniciação Científica, como sabemos que uma pesquisa nunca acaba, surgindo sempre novos fatos para serem investigados, houve-se a necessidade de ampliar esse estudo que já havia sido iniciado, mas que anteriormente era focado apenas nas formas de experiências comunicativas, acrescentando as relações de gênero que estão inseridas nessa comunidade.

O nome da cidade é muito assemelhado a imagem de cidadãos valentes, no sentido de brigões. Porém, o seu nome marca a história do seu povo, como pessoas persistentes e corajosas para enfrentar as dificuldades que lhes são apresentadas o tempo inteiro, como o convívio com a seca, bem como a falta de emprego assalariado para a maioria.

O território do sisal, de acordo com Santos (2011), foi implementado a partir de políticas públicas do Governo Federal, que inclusive levou-se em consideração o capital social da comunidade e os diversos movimentos sociais, nos quais foram constituídos através da influência da Igreja Católica, vinculada as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), em que houve uma aproximação maior do poder religioso com a minoria excluída dessa sociedade na busca de visibilidade e fortalecimento da sua economia como marca identitária dessa espacialidade.

A partir do início do século XX os contornos da região começam a mudar com a chegada do sisal em 1903 e de sua exploração econômica a partir de 1939. A introdução da cultura do sisal foi implementada pelo Governo do Estado como alternativa para o desenvolvimento das regiões semi-áridas, frente ao processo de transformação do sistema pecuniário e do declínio da economia açucareira (SILVA & SILVA, 2006 *apud* SANTOS, 2011, p.45).

Para isso, ainda de acordo com Santos (2011), o contexto da constituição dessa espacialidade é marcado por várias representações simbólicas, nas quais produzem um sentimento de pertencimento a um ideal comum. E como grande contribuição para o reconhecimento do território, levou-se em consideração justamente a tradição da cultura do sisal, no qual possui o nome original de agave, uma planta de origem do México. Além disso,

a participação da CEB ajudou a construir movimentos sociais e espaços de lutas, desde associações de moradores, líderes comunitários, sindicatos e entre outros.

Apesar de a cidade não ser a maior produtora de sisal da região sisaleira, ela possui esse mérito por sediar a APAEB (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira), a qual possui uma grande importância na obtenção de projetos e políticas para os agricultores, visto que é bastante conhecida por orientar os trabalhadores rurais na prática sustentável e de forma solidária.

A comunidade foi escolhida para a respectiva pesquisa por estar inserida no semiárido baiano e por fazer parte do território do sisal. No qual estão presentes narrativas identitárias na criação de valores, cultura do sisal, movimentos sociais, empoderamento das mulheres e da comunidade, agricultura familiar e luta pela obtenção de políticas públicas que garantam uma qualidade de vida melhor para a população. Dessa forma, é válido ressaltar que na comunidade existe uma unidade de produção que era formada inicialmente por nove mulheres, mas que atualmente esse grupo se dividiu em dois, mas que continuam integrando o mesmo espaço físico e mesmo assim conhecido como “Grupo de Mulheres”.

Para maior entendimento, o grupo de mulheres produtoras integra um espaço físico presente na comunidade, o qual foi adquirido pela APAEB em parceria com outras instituições, idealizado com o propósito de incluir os jovens e adolescentes no mercado de trabalho, evitando assim que eles saíssem da sua terra para buscar novas opções de trabalho em um outro local, permitindo assim, inserir-se no mercado de trabalho através da sua própria comunidade. Levando em consideração, principalmente os jovens que estudavam no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), e no espaço citado eram produzidas hortaliças, sabonetes de leite de cabra, molhos de pimentas e sais temperados.



Figura 01: Espaço físico onde as mulheres se organizam

O espaço físico, que atualmente as mulheres ocupam, era chamado de PIJ (Projeto Integrado de Jovens) e atualmente é conhecido apenas como “Projeto”. Porém, esses jovens que participavam do PIJ, em 2002, foram crescendo e saindo do grupo, e conseqüentemente, parou de funcionar com a mesma intensidade. No entanto, sempre teve movimentações de pequenos agrupamentos tentando aproveitar o espaço, na verdade nunca deixou de existir pessoas com a ideia de trabalhar assim, de forma econômica e solidária. Sendo assim, desde 2011 já havia movimentações de mulheres começando a produzir novamente nesse espaço, mas foi a partir de 2013 que as mulheres se organizaram mesmo para lutar por melhorias nas suas condições de vida, inicialmente buscando apenas uma forma de ajudar o marido/família nas despesas de casa e tornar-se mais independente financeiramente. Visto que, depois do fechamento da fábrica de calçados na cidade, tida como uma das principais fontes de renda do município ocasionou numa dificuldade maior das famílias se manterem. Sendo assim, houve uma vontade de trabalhar e fazer com que realmente esse projeto fosse para frente. Dessa forma, surge assim uma organização de mobilização de mulheres com o objetivo de introduzi-las no mercado de trabalho, gerando emprego e renda na sua própria localidade. Também é importante dizer que o grupo de mulheres, sempre que possível, participa de cursos, palestras e oficinas oferecidos pelo SINTRAF local (Sindicato de Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar), uma vez que, essas ações servem para empoderar as mulheres no sentido político, econômico, social e cultural.

A pesquisa tem um caráter antropológico, na qual é utilizada a perspectiva etnográfica, visto que Angrosino (2014) aborda em sua obra a importância do pesquisador estar *In loco*, ou seja, o pesquisador necessita estar inserido no cotidiano da comunidade, para que faça parte das atividades e tente enxergar o que acontece a sua volta de uma forma subjetiva, como se fosse pertencente do local. E diante disso, como a comunidade é o local onde moro facilitou o processo de pesquisa do presente trabalho.

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida (ANGROSINO, 2009, p.34).

Para o estudo foram realizadas visitas na comunidade e na unidade de produção, sempre interpretando as informações a partir da observação participante e métodos de coleta de dados. Nos quais, houve momentos mais profundos com questionamentos de forma natural, permitindo assim uma maior interação e conhecimento da pesquisadora com a realidade e o sistema de produção dos sujeitos da localidade. Nessas visitas foram colhidas imagens do ambiente de trabalho, fotografias do local e os depoimentos sobre como se inseriram, o que levam deste projeto e como preparam o solo, cultivam, plantam e colhem as hortaliças. Porém, informo que as mulheres se incomodaram um pouco em tirar fotos e optei por não fazer. Foi utilizada uma máquina fotográfica compacta, celular, anotações em diário de bordo e entrevistas que serviram para registrar e aprofundar ainda mais os processos produtivos e a interação que ocorreram entre as pessoas na comunidade.

Vale salientar que na obra de Angrosino (2009) são apresentadas várias teorias a respeito da pesquisa etnográfica, e dentre elas se destacaram para esse estudo o interacionismo simbólico e o feminismo. Visto que, no interacionismo simbólico é uma perspectiva mais dinâmica, no qual o pesquisador é inserido *in loco* para decodificar os símbolos que são partilhados através das interações dos grupos organizados, descobrindo assim a chave para a etnografia, dando acesso ao que as pessoas pensam e fazem. Já no feminismo é abordado de modo geral o estudo da condição humana, a consciência de gênero e “essência” feminina. Essa teoria feminista tende a rejeitar a separação tradicional de um pesquisador e seus informantes. Sendo que, os modelos funcionalistas de equilíbrio são postos de lado, pois têm a visão de vida social fragmentada pela opressão que sofrem. E desta forma, buscam uma forma de etnografia que permita utilizar da empatia, a subjetividade e o diálogo, para melhor explorar os mundos interiores das mulheres e assim possam ajudá-las a superar a

opressão que sofrem. No lugar da “entrevista tradicional” de pesquisador e informante do método funcionalista, é sugerida a introdução de história de vida, pois dessa forma a pessoa entrevistada conta a sua história com o mínimo de interferência do pesquisador, mas levando em consideração que de certa forma já existe uma interferência. Levando em conta que essa forma utilizada é uma maneira de preservar a integridade dos indivíduos entrevistados, e é basicamente isso que acontece no decorrer do trabalho.

A necessidade desse tema surgiu a partir da importância que tem as interações de comunidades locais para o convívio de um povo com outras culturas, sujeitos sociais e como se dão os processos de comunicação entre si. Visto que, existem poucas pesquisas e desdobramentos na área rural no que diz respeito à agricultura familiar e conservação de costumes e como as mulheres estão inseridas nesse contexto. Sendo que a prática da agricultura familiar é tão rica e antiga na região que demonstra um protagonismo feminino muito grande. Diante disso, tem-se o seguinte questionamento: qual a relevância que a organização social e as interações simbólicas com outros sujeitos desencadeiam no processo de busca das mulheres pelo espaço na sociedade?

Em decorrência disso, o objetivo principal do trabalho é perceber de que forma estão presentes as relações de gênero no cotidiano das mulheres dessa comunidade. E como objetivos secundários, descrever o processo de experiência comunicativa que está presente na comunidade, além de observar como o processo de interação entre as mulheres produtoras acontece entre si e entre outros sujeitos locais.

Uma vez que, a comunicação é entendida como uma forma necessária para o ser humano, a partir dela é possível à interação e compartilhamento de ideias entre as pessoas sejam por comportamento, gestos ou falas. Consequentemente, a comunicação gera os processos da experiência comunicativa de um povo. Pois, a experiência é a prática do saber adquirido pelas pessoas através do convívio, comunicação verbal e discursiva, que estão presentes na cultura de um povo e que servem de aprendizado ao longo do tempo. Assim sendo, todas essas práticas de interações envolvem símbolos, significados culturais presentes na comunidade, em quase torna perceptível o processo de interpretação identitária dos indivíduos em relação ao mundo.

Além disso, foi utilizada a concepção da fotografia como prática cultural e não vista apenas como arte, mas sim como um instrumento de pesquisa e que se aproxima bastante da comunicação, ainda mais pelo método etnográfico, pois possibilita capturar momentos a partir de um olhar específico. Segundo Andrade (2002), a partir da fotografia antropológica inserida na pesquisa etnográfica é possível registrar os detalhes na comunicação

não verbal, sendo possível mergulhar na cultura e cotidiano de um povo. Além disso, a fotografia é capaz de representar as formas de convivência e percepção humana. Pois é possível narrar, descrever, registrar, pesquisar, expressar o olhar estabelecido do fotógrafo, reconstruir a história de uma realidade particular e dela poder refletir sobre o que é mostrado. A fotografia é usada como um método de observação, e deve ser apenas uma técnica de complemento. Seu diferencial se dá na representação imagética que é mais perceptível aos olhos do que as representações inseridas nas entrelinhas da escrita (SOILO, 2012).

Este trabalho está organizado em dois capítulos, sendo o capítulo 1, **Comunicação como Experiência**, que pretende apresentar a base teórica a respeito da comunicação e os desdobramentos que lhes são ocasionados, os principais autores utilizados para o desenvolvimento do trabalho são Herbert Blumer (1980), John Dewey (2010), Hall (2006), Rudiger (2011) e Sodré (2014) bem como suas contribuições que serviram de análise para tal. Sendo assim, é apresentado o conceito no qual a comunicação será trabalhada, bem como a base teórica em comunicação, tratando do interacionismo simbólico, experiências e contexto cultural. No tópico 1.2 **O Cotidiano na Comunidade**, acontece à descrição do local onde a comunidade está inserida, com base nos métodos etnográficos. É descrito a história do nome da comunidade, curiosidades, comportamento dos nativos, práticas culturais e principais atividades desenvolvidas no local. Além disso, esse tópico 1.2 é subdividido em outros dois tópicos, sendo 1.2.1 **Os gestos e as falas**, 1.2.2 **Interação na comunidade em eventos e projetos sociais**, nos quais são descritos como acontece as diferentes formas de comunicação entre as mulheres no grupo de produção. No que diz respeito ao capítulo 2, **Relações de gênero no “Grupo de Mulheres”**, pois aborda sobre mulheres e o contexto rural no qual estão inseridas. Diante disso, nesse tópico são apresentadas as relações de gênero presentes na comunidade e na unidade de produção a partir da perspectiva das autoras Joan Scott(1995) e Guacira Lopes Louro (1997). E para melhor entendimento das situações que são apresentadas, fez-se necessário a criação de dois subtópicos, 2.1 **O que se produz**, apresentando os alimentos que são plantados e 2.2 **Uso das tecnologias**, pois nesse tópico é apresentado como acontece a experiência da comunidade e das mulheres do grupo de produção com as tecnologias, quais são os meios de comunicação mais utilizados e quais as melhorias e consequências foram geradas. Para isso, utilizou-se a perspectiva de Luis Mauro Sá Martino (2014). E fez-se necessário dividir os tópicos em subtópicos, o primeiro que se refere às 2.2.1 **tecnologias no ambiente doméstico e rural**, e o segundo refere-se às 2.2.2 **tecnologias mediadas**, ou seja, os meios de comunicação mais utilizados e como acontece essa interação.

CAPÍTULO 1

COMUNICAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA

Falar da comunicação parece ser algo fácil, pois contempla diversas ações. Porém, falar da comunicação em sua forma teórica é complexa, pois, justamente essa diversificação de ações é composta por inúmeras definições. E falando em definições, a comunicação normalmente é estabelecida e diversas vezes lembrada de acordo com os meios de comunicação. Os meios de comunicação desempenham um papel muito importante na sociedade, mas também estão repletos de contradições. Sendo assim, a comunicação é composta por estudos em diferentes áreas, como é o caso da sociologia, filosofia, antropologia e diversas outras ciências que fazem parte dessa multidisciplinaridade comunicativa. Com isso, é interessante ressaltar o quão complexo é perceber e definir qual o grau de importância à forma que as pessoas exercem a comunicação. É complexo buscar e apresentar resultados da importância da relação comunicativa natural entre os indivíduos, uma vez que, a comunicação exercida pelos meios possui um grau de importância bem mais valorizado na sociedade.

No entanto, a comunicação, tratada como natural, é uma forma de interação primordial na sociedade, assim como, uma forma de expressão cultural. Dado que, a comunicação é concebida de diversas formas, sendo através da linguagem verbal, por meio de palavras, da fala ou da escrita, bem como, através da linguagem não verbal, pela qual é concebida a partir de desenhos, pinturas, artesanatos, gestos, por meio do silêncio, do olhar, comportamento, pela roupa que é utilizada e etc. Vale ressaltar que a comunicação está presente em todos os lugares, a todo o momento estamos nos comunicando, ação esta que acontece involuntariamente, sem querer. Os seres humanos sentem a necessidade de se comunicar, ser entendido, expressar os sentimentos, tornando-se impossível não se comunicar (SODRÉ, 2014).

De acordo os pensamentos de Sodré (2014), o conceito de comunicação parte da ideia de compartilhar algo, tornar comum. O ato de comunicar, para os seres humanos, é essencial para a sua vida social, devido à necessidade de interação de uns com os outros. Sem a comunicação não existiria sociedade. Com isso, a comunicação é um processo que além de trocas de informações e diálogos, também é vista como forma de compartilhamento de ideias e diferenças em comum. O processo comunicativo enquanto processo natural do ser humano, utilizando o diálogo como forma importantíssima de comunicação na sociedade é tida como modo de transformação da realidade de um povo. Consequentemente, “a comunicação é o

processo através do qual tentamos fazer com que nosso mundo tenha sentido.” (RUDIGER, 2011, p.10).

Entretanto, com a evolução humana e o desenvolvimento da linguagem e escrita apareceram os meios de comunicação. Surge assim, mais tarde, o nascimento de inovações tecnológicas, telefone, jornal, computador, rádio, televisão, internet, redes sociais. Desta forma, o alcance da comunicação foi estendido por diversos lugares. Deste modo, consolidou-se a comunicação, iniciado com tentativas de fala e gestos dos homens até a evolução dos meios de comunicação que se dá atualmente. A comunicação é vista, quase sempre, pela ótica dos meios, e é engraçado pensar que o modo como a comunicação é apresentado para as pessoas através dos veículos comunicacionais faz parecer que é mais importante que a comunicação praticada no seu cotidiano. É importante pensar que ao falar da comunicação o nosso olhar também esteja diretamente ligado às formas de interações entre as pessoas, que são construídas nesse processo natural de representação humana, ou seja, é importante perceber a comunicação nos detalhes, nas entrelinhas do cotidiano que muitas vezes é menosprezado. Segundo Mauro Sousa [2002?], a comunicação passou por três grandes fases: a mediada pelos sons, pela escrita e pelos gestos. No entanto, ela passou a ser mediática. Na qual, acontecia um intermédio da conversação à distância. Porém, hoje a comunicação encontra-se também no meio digital. Mas, é válido ressaltar que a comunicação está diretamente ligada as práticas cotidianas dos indivíduos, além do que, também é entendida pelos sentidos humanos. Ultimamente a comunicação se encontra em um patamar bastante elevado e vem se modificando cada vez mais. Em decorrência disso, por meio dessas informações vinculadas nos meios de comunicação há uma mudança nos significados e apreensões, ocorrendo uma alteração no convívio social e cultural. Ainda de acordo com Mauro Sousa [2002?], toda a comunicação exercida pelas pessoas é marcada pela comunicação midiática, como exemplo do rádio, a TV e o cinema. A obra do autor permite captar aspectos tendenciosos sobre a ótica da comunicação, como estratégia de conduzir informações, do que simplesmente passar por um processo natural de interação social. Porém, a comunicação será abordada em outro contexto, ela será trabalhada como um modelo básico e natural. Segundo a visão de Sodré (2014), a comunicação é vista de forma ampla e interacional deixando de lado as teorias comunicacionais e tratando da comunicação como processo comum, natural e como necessidade do ser humano. A ciência da comunicação deve ser vista também pela diversidade cultural de um povo, pois ela se destaca mais no âmbito social do que estudada isoladamente através de teorias. Seguindo essa linha de raciocínio, Rudiger, em sua obra “Teorias da Comunicação”, faz uma importante ressalva, uma vez que,

“[...] o termo comunicação deve ser reservado à interação humana, à troca de mensagens entre os homens, sejam quais forem suas formas e os aparatos intermediários empregados para facilitar o relacionamento a distância [...]” (MCQUAIL, 1975, p. 41 *apud* RUDIGER, 2011, p.9).

Segundo Blumer (1980), no processo de comunicação enquanto ação, os indivíduos entram num sistema de interação entre si. A partir dessa interação é estimulada a capacidade de interpretação e percepção de símbolos que estão à sua volta. Essa ação se dá o nome de interacionismo simbólico, no qual os significados das informações são construídos ou reconstruídos de acordo com o contexto social e cultural de cada indivíduo.

Antes, considera que o significado é produzido a partir do processo de interação humana. Para um indivíduo o significado de um elemento nasce da maneira como outras pessoas agem em relação a si no tocante ao elemento. Todas as suas ações preocupam-se em defini-lo para o indivíduo. Desta forma, o interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas em e através das atividades humanas determinadas em seu processo interativo (BLUMER, 1980, p.121).

Para nortear a pesquisa sobre a perspectiva do interacionismo simbólico foi escolhido o autor Herbert Blumer (1980), que aborda em sua obra como os seres humanos interagem na sociedade. Para isso, o autor utiliza três premissas:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece[...]. A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato (BLUMER, 1980, p.119).

Com isso, é perceptível que os humanos se relacionem com o mundo através de um processo de ações simbólicas estabelecidas e reestabelecidas no cotidiano do indivíduo, e essas ações são de extrema importância para o convívio social, pois, por meio delas é possível a interação entre os sujeitos de um mesmo grupo, e esses aprendizados são levados para as outras relações com o mundo.

O interacionismo simbólico está repleto de significações já existentes, que são percebidas no momento que ocorre a interação humana, quando o indivíduo para e observa o objeto, no qual possui um elemento que pode apresentar diversos significados de acordo a interpretação de cada um. Além disso, esse processo de interpretação leva-se em conta que

antes da interação com os outros sujeitos sociais acontece o processo de interação consigo mesmo.

O significado nada mais é que uma expressão dos fatores psicológicos específicos trazidos à baila, relativos à percepção do elemento; desta forma, procura-se explicar o significado de um elemento isolando os fatores psicológicos específicos que produzem o significado (BLUMER, 1980,p.121).

As interações sociais são compostas de significações e para percebê-las é necessário passar por um processo interpretativo para entender o sentido de determinadas ações. Assim sendo, o interacionismo simbólico através do comportamento humano perante a sociedade visa compreender os indivíduos e perceber qual a sua ideia de mundo através das experiências que estes já vivenciaram na vida. Assim, todo o contato comunicativo com outros sujeitos sociais é transformado em experiências, e estas experiências realmente são definidas com base nas vivências do cotidiano. E como contribuição para esse argumento, John Dewey (2010) diz que é necessário saber que a experiência é obtida através da vida e do meio ambiente, uma ação contínua em que, modos de expressões são importantes para a sobrevivência, visto que, acontece a partir das interações sociais, também tecnológicas, e que os modos de se comunicar acabam criando signos, emoções, valores, divergências e ações que representam algum significado que são perceptíveis através da compreensão com o meio, uma harmonia, trazendo novos modos de vida, luta e adaptação. Ainda segundo o autor, a consciência do homem com relações na natureza é a origem da transformação. Sendo que, o homem usa a natureza para amplificar a sua vida. Através disso, a arte prova o quanto o homem se reestabeleceu nos sentidos, por meio dos impulsos e necessidades pessoais. Também é importante dizer que na obra de Dewey(2010), a arte como ideia consciente foi um marco histórico na humanidade.

Portanto, o pesquisador quando estuda os grupos sociais utiliza-se da observação direta, através de observação participante, diário de campo, pois, através deles é possível averiguar melhor as interações simbólicas que acontecem entre os indivíduos na sociedade e compreender que as pessoas agem em relação ao mundo de acordo com o que acreditam.

Dewey (2010) traz importantes contribuições sobre as experiências, considerada como arte, dado que, a experiência é uma forma de produção e aprendizado de conhecimentos, através do sistema estrutural da arte experienciada na vida cotidiana pode-se desenvolver diversas ações na sociedade, já que, a experiência permite que o indivíduo experimente outras coisas, ideias, noções de realidades, fazendo com que haja uma reflexão sobre diversos temas e um conhecimento mais criativo no processo de produção e ação no mundo. Além do que,

através da experiência adquirida pode-se perceber, imaginar e até criticar diversas atitudes presentes na sua realidade social. Segundo Dewey (2010), a definição da experiência está relacionada com o crescimento natural da vida, através da vitalidade, continuidade e cotidiano. A experiência estética é composta por símbolos singulares (únicos), presença, olhares, cheiro, etc. As experiências reais são assemelhadas com algo que pode ser lembrado por ter tido muita importância, coisas que acontecem naturalmente, é uma experiência singular, pois é integrada a partir de outras experiências; é tanto intelectual quanto emocional, uma experiência do pensamento, do movimento. Uma experiência intelectual é composta por símbolos vividos em outra experiência. Sendo assim, “A experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre o organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação.” (DEWEY, 2010, p.88-89).

Como dito anteriormente, a necessidade do ser humano de se comunicar e ser entendido é expressada através das falas, dos gestos, comportamentos, olhares. Ou seja, a experiência pode ser compreendida por meio do processo de identificação dos sentidos, no qual, produz conhecimento no decorrer de inúmeras situações as quais são vivenciadas no cotidiano. Desta forma, é possível perceber uma relação de aprendizado, através do interacionismo simbólico desencadeado no comportamento das pessoas com a experiência comunicacional, que é produzida por meio do processo interativo gerado pelas relações sociais dos indivíduos. Em razão disso, ocorre um processo simbólico, possibilitando que os indivíduos interpretem os significados que lhes são apresentados de acordo a sua experiência de vida adquirida através do seu contexto cultural.

Como afirma Blumer(1980), o interacionismo simbólico é um método de análise do comportamento humano, através dele observa-se como o homem age em relação ao universo, como são apreendidos os significados por meio de interações sociais e como esses significados são interpretados. Sendo assim, podem haver resultados com diferentes significados, já que cada um interpreta de um jeito diferente. Vale ressaltar que o significado é fruto de uma interação social.

Diante disso, é possível perceber que existe uma grande relação da comunicação com a cultura, uma vez que os significados de qualquer coisa dependem da interação humana, valores, crenças e fatores culturais de cada indivíduo, tornando a comunicação impossível sem uma produção de sentido. Sendo assim, cada cultura cria suas próprias regras, apropriação de signos, ideias e seus significados. A exemplo disso são os dialetos regionais de um país, cidade, comunidade. A cultura é um conjunto de diversas expressões e significados,

incluindo os costumes, crenças, arte, valores, regras, comportamento e outras definições que regem a atividade humana em sociedade.

Na obra de Carvalho e Viana (2015), com base nas palavras de Drawin (2006), há a definição de melhor entendimento à cerca da cultura,

Cultura é um sistema – transmitido socialmente (aprendizagem) – capaz de prover a adaptação e a assimilação do Homem ao meio ambiente e de interpretá-lo (Natureza) que se desdobra nas dimensões material (técnica) e simbólica (linguagem). A cultura possui uma função significativa, constitui redes simbólicas que, do ponto de vista normativo cria padrões de comportamento e do ponto de vista cognitivo cria um conjunto de crenças e representações que possibilitam a compreensão e justificação da experiência humana (ethos/mytos). Estas redes, simbólicas incluem a própria cultura (reflexividade), se inscrevem inconscientemente nos indivíduos e comunidades e transformam historicamente (DRAWIN, 2006 apud CARVALHO; VIANA, 2015, p. 194).

Ou seja, a cultura é composta por símbolos, códigos, influências, trocas simbólicas, transmissão do passado para o presente através de geração em geração. Conseqüentemente, tudo que o homem produz a partir de um conhecimento adquirido faz parte do seu processo cultural.

A partir daqui podemos considerar a perspectiva de que existem diversas culturas, inclusive na sociedade brasileira – com suas peculiaridades e especificidades díspares, ricas abrangente e contraditória em seu aspecto dialético. No entanto, essa variação se contrasta com o repetido, o mesmo, o material e historicamente determinado. A cultura, dessa forma, insere-se numa perspectiva de condições de produção determinadas e, assim, toma um escopo próprio, a partir do qual é produzida e vivenciada (CARVALHO; VIANA, 2015, p.192).

No que diz respeito a práticas culturais, é interessante trazer o contexto identitário, visto que é na cultura que existe um sentimento de pertencimento, de ideais em comum. Diante disso, na obra de Stuart Hall (2006) é apresentado o homem como um sujeito sociológico, no qual necessita da interação com outros indivíduos para a construção da sua própria identidade, ou seja, uma identidade relacional, já que os sujeitos são dependentes uns dos outros. Para Stuart Hall, as identidades não devem ser vistas apenas pela ótica de construção identitária neutra, visto que, com o processo da globalização há um grande hibridismo cultural. Sendo assim, o autor diz haver uma grande transformação no início do século XX, no que diz respeito as relações sólidas entre classe, raça, gênero e outros grupos sociais. O que, de certa forma, acaba transformando as identidades pessoais dos indivíduos.

Partindo desse pressuposto abordado por Hall(2006), acerca do hibridismo cultural e modificações nos processos identitários, o mesmo introduz o conceito de três tipos de identidades, sendo sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. No

entanto, a percepção do sujeito sociológico e sujeito pós-moderno é mais aproximada do presente trabalho, já que George Mead e outras pessoas que utilizavam o interacionismo simbólico acreditavam que a partir de interações com a sociedade se dava a construção da identidade. Sendo assim,

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p.11-12).

Porém, no que diz respeito ao sujeito pós-moderno, é abordado o quanto a identidade é transformada ao longo do tempo, a identidade não é uma concepção completa e fechada, é vista como uma concepção a qual se mostra extremamente contrária a essa afirmação, visto que é algo ambíguo e aberto a novas transformações. Ou seja, é uma ideia de identidade em que é moldada de diversas formas nas relações entre os sujeitos, sendo um conceito mutável, já que ao mesmo tempo em que possa sentir-se contemplado e pertencente por algo, simultaneamente pode sentir-se não identificado. Como exemplo de pessoas que não gostam da sua comunidade, do aspecto “parado”, ou seja, tranquilo demais e não se identificam com o modo de viver. Dessa forma, podemos perceber que o sentimento de pertencimento e criação de identidade de um local é um processo *continuum* que vai se adequando com as transformações, bem como pode haver uma diversidade no que diz respeito aos processos de identificação, levando-se em consideração a vivência de cada um, por mais que conviva no mesmo lugar.

1.2 O COTIDIANO NA COMUNIDADE

A comunidade pesquisada possui um nome diferente. Normalmente, a maioria das pessoas não sabe que existe uma pequena diferença na escrita e pronúncia do nome. Sendo assim, escreve-se “Cabochard” e pronuncia “Cabochá”. Porém, ainda é possível encontrar documentos de terra dos moradores no Sindicato local e endereços na Prefeitura municipal com o nome de “Cabrochá”, “Cabrochard”, “Caboxá” e entre outros desdobramentos do nome. Esse nome teve origem de uma propaganda de um perfume francês vinculada no rádio, que na

época era o meio de comunicação mais utilizado na região. Porém, antes do nome atual, a comunidade era intitulada de Lagoa do Veado, mas era alvo de piadas, e por esse motivo os moradores decidiram trocar de nome.



Figura 02: Entrada da comunidade, placa com o nome equivocado. (SILVA, 2015)

Em sua obra, Bauman utiliza o conceito de comunidade para informar que esta carrega consigo um sentimento bom, mais precisamente, pelo significado da sua palavra. Ele ainda afirma que,

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante [...] Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. (BAUMAN, 2003, p. 7-8).

Diante disso, é possível compreender esse sentimento bondoso idealizado pelo autor, uma vez que, através da vivência em comunidade há a produção e exercício da solidariedade entre as pessoas. É citado em sua obra como o viver em comunidade é benéfico, as pessoas se entendem, dialogam, discutem pacificamente ou não, mas mesmo com discussões não existe um estranhamento. Sobre as discussões, ocorrem entre as próprias pessoas da comunidade, principalmente se estiverem jogando ou consumindo bebidas

alcoólicas, mas passado o ocorrido logo fica tudo bem. Dessa forma, podemos perceber e validar que realmente isso acontece na comunidade de Cabochard.

No Cabochard é possível encontrar quase todas as descrições feitas pelo autor, no que diz respeito ao contexto do significado da palavra comunidade, dado que, é uma comunidade tradicional e esse sentimento de pertença, porto seguro é muito verídico. Como exemplo disso, são as pessoas que estão morando em outra localidade, sendo cidade vizinha ou até mesmo cidades mais distantes como Salvador, São Paulo ou Itajaí, que são cidades onde a maior parte dos cidadãos valentenses procuram melhores empregos e consequentemente melhor condição de vida, sente falta dessa relação de proximidade, de segurança e de pertencimento, pois por mais que onde estejam morando atualmente seja bom e com mais oportunidades de vida, é na comunidade que estes se sentem mais gente, um sentimento de fazer parte de algo maior, que traz lembranças e emoções que guiaram as suas vidas por muito tempo e é onde sentem que a qualquer momento que resolvam voltar serão acolhidos e muito bem-vindos.

Outra afirmação muito bem posicionada de Bauman é que,

Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudarmos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas (BAUMAN, 2003, p.8).

E no que diz respeito a esse contexto, na comunidade isso é bem explícito, sempre que alguém está com dificuldades financeiras, passando por problemas de saúde e outros transtornos, há sempre uma mobilização para ajudar os envolvidos. Através da associação comunitária, mais precisamente, nas reuniões mensais são expostos os informes, as resoluções de problemas, assim como prestações de contas, sendo feita também arrecadação de dinheiro, alimentos, roupas, bem como a criação de rifas, bingos e torneios beneficentes, para ajudar realmente quem está passando por dificuldades.

Cabocharad é uma comunidade tradicional com histórias próprias e modo particular de se viver. Através da pesquisa feita na comunidade foi perceptível compreender que a comunidade possui um desenvolvimento rural razoável, visto que possui condições básicas necessárias para uma qualidade de vida e seu direito enquanto ser humano. Dispõe de escola, praça, campo de futebol, água encanada e associação comunitária. Importante ressaltar que a associação comunitária é o local no qual acontecem as reuniões mensais dos indivíduos dessa localidade, cultos evangélicos, missas católicas, aniversários e etc.



Figura 03: Associação comunitária da comunidade. Fonte: Wilian Santos

A associação também é equipada com a casa de farinha e casa do beiju. Porém, os indivíduos dessa localidade não têm mantido a cultura da plantação da mandioca para a fabricação da farinha e do beiju/tapioca, justamente pelas mudanças climáticas frequentes que a região vem sofrendo. A exemplo disso, é o grande período de estiagem. No quesito saúde, as condições são boas. Há a presença de agente comunitário do próprio povoado que facilita os atendimentos no posto de saúde presente na comunidade vizinha, Junco. Porém, a população ainda não possui igreja, mas já está em processo de construção junto com mais uma praça, segundo os moradores. Falta também o pavimento da rua principal, já que em duas comunidades vizinhas já possuem esse benefício.



Figura 04: Praça da comunidade. Fonte: Wilian Santos

Esse conjunto de pessoas desfruta de uma narrativa identitária presente e marcante, um viés agrícola, no qual a maioria das famílias produz nas suas terras.

Os moradores consideram a comunidade um local tranquilo de se viver, relata que não existem muitos casos de violência, a não ser quando acontecem jogos de futebol que ocasionam em discussões e brigas, mas fora isso é um lugar agradável. Como essa comunidade é bastante tradicional, ela possui um grande grau de parentesco. E uma curiosidade da localidade é que a maioria das pessoas se relaciona/relacionaram e casam com pessoas da própria comunidade. Normalmente casam jovens e conseqüentemente formam a família completa com filhos.



Figura 05: Torneio de futebol juvenil. Fonte: Wilian Santos

E mais uma vez, voltando ao pensamento de Bauman (2003), a comunidade é tida como um local de segurança, já que há todo momento a relação humana é marcada por inseguranças e medos. Visto que, o mundo exige de nós flexibilidade e sagacidade para ir em busca das suas metas de vida, o que de certa forma distancia o ser da sua comunidade por estarem em contato frequente com uma diversidade muito grande e repleta de estranhos, no caso, pessoas desconhecidas, na qual não existe aquele sentimento de conhecer e ser criado junto, gerando assim desconforto e inseguranças. Sendo assim, de acordo com as ideias de Bauman (2003), a comunidade é a junção de forças necessárias para enfrentar diversas situações, na qual não seria possível enfrentar sozinho, está incluso o sentimento e o fazer coletivo.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, p.134).

É interessante dizer que esse sentimento de insegurança também é pautado em outro livro de Bauman (2005) intitulado de Identidade. No qual, a identidade é como um bem-estar social, ou seja, a identidade é algo que não é sólido, já construído e inabalável. A identidade é algo escorregadio, como diria o autor, já que está em constante construção. A

partir das vivências e relacionamentos é construída a identidade. Vale ressaltar que uma identidade não é posta e consumida imediatamente, ela é construída ao longo do tempo. Dessa forma, o ser humano necessita pertencer a algo que lhe traga significado, seja por parentesco, amizade ou outras relações.

Entrar em contato com algo que lhes tragam identificação é compreensível aos olhos, ou melhor, dizendo, perceber o momento no qual é possível identificar quando algo lhes produz significado é um momento genuíno. Visto que, são nas falas, nos risos e nas trocas de olhares que mais se manifestam aquela sensação de “nossa, é isso que eu gostaria de dizer”, “isso se parece tanto comigo”, “comigo aconteceu à mesma coisa, só que, de uma forma diferente”. E é perceptível que o olhar é uma forma de comunicação frequente na comunidade, e, nesse caso, na obra de Hall (2006) é citado como Lacan visualiza essa ação. É apresentado o exemplo de uma criança e a relação do eu representado no olhar do outro, no qual, é uma forma da criança produzir símbolos através do olhar e entrar no mundo dessas representações simbólicas presente nas relações do cotidiano e dando continuidade ao seu processo de armazenar informações e construir sua identidade. Diante disso, há grande relevância o pensamento de George Mead na obra de Rudiger (2011), no qual ele diz que,

As pessoas desenvolvem nos primeiros anos de vida a capacidade de adotar o comportamento dos outros, formando um eu para esses outros e para si mesmo, do mesmo modo como estes outros o fizeram no passado. [...] as pessoas criam o conceito de si mesmas e se capacitam a estruturar significativamente suas ações com base nos conceitos e expectativas de comportamento que tomam dos outros no processo de interação social (RUDIGER, 2011, p.41).

As identidades são construídas a partir das representações. E em torno da comunidade de Cabochard é possível perceber a produção de sentidos. A comunidade também possui narrativas orais, o pessoal mais velho sempre se reúne para conversar e sempre acabam contando histórias quando eram mais jovens e comparando com as situações que presenciam hoje. Porém, esse espaço no qual as pessoas costumam se reunir na comunidade não está restrito somente ao pessoal mais velho, vão chegando desde crianças, jovens e adultos também. E um desses locais que as pessoas da comunidade se reúnem é na praça e embaixo da cajazeira, na qual fica localizado em frente ao conhecido bar de Missinho. Sempre tem pessoas sentadas embaixo da árvore e conseqüentemente vão chegando mais gente. Quando se dão conta percebem que já estão todos interagindo e trocando experiências em comum.



Figura 06: Pessoal interagindo e ouvindo som embaixo da cajazeira, símbolo da comunidade. Fonte: Wilian Santos.

São contados acontecimentos marcantes, relembram perdas de grande importância para a comunidade, bem como coisas que acontecem no seu dia a dia. O horário que esse contexto acontece, normalmente é no final da tarde e nas primeiras horas da noite. Para fugir um pouco da rotina de dentro de casa, muitos chegam do trabalho, cansados, querem se distrair e jogar conversa fora. Além do que, é possível perceber o costume que existe na localidade que são as visitas. São realizadas visitas nas casas dos moradores, ou seja, quando alguém está doente, fez alguma cirurgia, mulher parida, pessoas mais idosas, bem como comadres e apenas pelo laço da amizade mesmo. Porém, cada pessoa que é visitada sente a necessidade, e até diria a obrigação de pagar a visita que recebeu, ou seja, comparecer a casa da pessoa que te visitou. Desta forma, é possível perceber que uma simples ação é carregada de significados, o que de certa forma contribui bastante para o processo de identificação pela sua comunidade.

1.2.1.Os gestos e as falas

Através da observação participante foi possível compreender que na unidade de produção e na comunidade os sujeitos sociais se comunicam de diferentes formas. A partir da

produção orgânica é possível inserir as mulheres em outros locais, como, por exemplo, feiras de agricultura familiar no próprio município e em cidades vizinhas, gerando assim mais conhecimento com a interação entre outros grupos.



Figura 07: Moradora da comunidade vendendo alimentos oriundos da agricultura familiar. Fonte: Página do *facebook* Governo Valente.

Os moradores normalmente falam olhando no olho, muitos falam com um tom de voz mais alto, e é possível perceber que as mulheres do grupo de produção acabam passando sentimentos na sua forma de olhar ao se comunicarem. Às vezes algumas dessas mulheres ficam acanhadas em situações nas quais precisam falar em público, a voz fica um pouco trêmula, o olhar é desviado para o chão e para os lados enquanto falam, principalmente quando são filmadas. Porém, na maioria das vezes, isso só acontece quando são pessoas desconhecidas. Os sujeitos sociais interagem por diferentes sistemas simbólicos. Darei aqui, mais enfoque em como essas mulheres se comunicam, ou seja, conversam de tudo um pouco, falam sobre suas vidas e coisas que acontecem no interior da sua casa, trocam conselhos e suas experiências são passadas através do laço da amizade e do parentesco. Também é notório que elas utilizam muito o pronome “tu” quando conversam entre si.

Além disso, as expressões corporais são simples, característica das pessoas da comunidade, comunicando por gestos, acenos, olhares, sorrisos, expressões faciais, balanço

da cabeça para responder positivo ou negativamente, ou se aprovam ou não suas próprias ações.

1.2.2. Interação na comunidade em eventos e projetos sociais

Como já debatido no presente trabalho, a comunidade foi alvo de muitas visitas, da APAEB, sindicatos de trabalhadores rurais, escolas locais e do município quando o Projeto Integrado de Jovens funcionava. Nesse caso, ocorreram diversas oficinas, dentre elas sobre empreendedorismo e seminários nos quais interessavam aos jovens envolvidos no projeto e aos moradores da comunidade como um todo.

Além disso, o projeto de jovens contava com a arca de letras, esta incentivava a leitura das crianças e adolescentes. A arca ainda existe e passou a ser reutilizada no projeto social que aconteceu na presente comunidade entre os meses de fevereiro a outubro de 2017.

Outra ação de grande importância que acontece na comunidade é a ceia natalina, esta acontece tradicionalmente todos os anos, já está na sua 16ª edição. Essa atividade é mais conhecida como café da manhã e acontece no último domingo antecedente ao natal.



Figura 08: Experiência comunicacional pela interação dos sujeitos sociais na ceia natalina. (SILVA, 2015)



Figura 09: Convite para a edição da ceia natalina do ano de 2017

O café da manhã foi idealizado pelos mesmos organizadores do Projeto Integrado de Jovens, com o objetivo de ter algo na comunidade que unisse ainda mais as pessoas que vivem ali. Para a construção dessa ceia é necessário o arrecadamento de uma quantia pequena de dinheiro dos moradores, feita pela direção da Associação Comunitária. Este é um evento que envolve toda a comunidade, um processo de interação simbólica, uma tradição que está sendo passada entre as gerações, construindo a memória do lugar e enraizando a sua identidade no cotidiano dos sujeitos sociais.

Além dessa grande atividade natalina desenvolvida todo o ano pela comunidade é importante também falar sobre o “Projeto Sou+ Cabochard” que aconteceu entre os meses de março a outubro de 2017, e o local de execução das atividades foi a associação comunitária. O projeto foi uma iniciativa muito bacana do então agente de saúde e presidente da associação Eraldo Santos e de Jéssica Santos, que fazem parte da diretoria do sindicato e atua como conselheira do CMDCA(Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente).



Figura 10: Banner com identidade visual do projeto social

A iniciativa do Sou+ Cabochard foi trazer lazer e cidadania para as crianças e adolescentes da comunidade, através de quatro oficinas ao longo do projeto, sendo elas, oficina de cidadania, oficina de futebol, oficina de artesanato e oficina de pintura. Os encontros aconteciam aos sábados pela manhã e em diversas ocasiões os integrantes tiveram a oportunidade de participar de intercâmbios esportivos, além de participar de palestras sobre prevenção ao abuso infantil e palestras sobre combate as drogas.



Figura 11: Crianças e adolescentes envolvidas no Projeto Sou+ Cabochard



Figura 12: Comemoração da páscoa

O projeto foi bastante reconhecido pelas comunidades vizinhas, houve muito interesse de pais procurando vagas para seus filhos, porém não houve condições de estender para as demais comunidades. Também foi possível organizar atividades para além dos integrantes do projeto, como o caso da festa junina e da culminância de encerramento do projeto, que envolveu toda a comunidade e as circunvizinhas. Permitindo assim, novas formas de relacionamento e produções de significados.

CAPÍTULO 2

RELAÇÕES DE GÊNERO NO “GRUPO DE MULHERES”

Inicialmente, a perspectiva do gênero foi amplamente questionada para inserir-se nessa pesquisa, uma vez que lidamos a todo o momento com as interações sociais e as experiências da comunicação entre os sujeitos dessa comunidade. Porém, falar do grupo de mulheres, das atividades que elas desenvolvem e o contexto que tudo isso engloba durante a pesquisa de IC seria quase impossível não discutir gênero e o quão importante é essa questão, porque enquanto mulher, negra e pertencente a comunidade sinto uma necessidade bastante relevante para falar sobre o tema.

É importante levantar a questão de gênero, e mais que isso, é imprescindível trazer contribuições de escritoras femininas para falar sobre o tema, uma vez que é perceptível a necessidade de utilizar figuras femininas que dialogam a partir do seu lugar de fala na sociedade. E, além disso, é posto no trabalho como um todo o meu lugar de fala, o lugar de pesquisadora mulher, tendo como objeto de estudo a própria comunidade, bem como, trazendo contribuições a partir de um olhar subjetivo, abordando não só o contexto comunicativo, mas também o contexto das mulheres da comunidade.

Em sua obra, Joan Scott, traz à tona que o termo mulheres utilizado em pesquisas não causavam credibilidade, por isso, começou a utilizar a palavra gênero para conquistar mais importância.

Nessa utilização, o termo “gênero” não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo “gênero” inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo “gênero” constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80 (SCOTT, 1995, p.75).

Para dialogar sobre as questões de gênero, foi escolhida a autora Joan Scott, uma das mulheres mais importantes no estudo de gênero. Scott em sua obra (1995) busca descolonizar a relação que o gênero tem de ser atribuído ao sexo e também traz importantes considerações sobre as relações de poder na sociedade, sendo que, as desigualdades de gênero constituem-se nas relações sociais. A autora diz que o gênero é um termo complexo, difícil de explicar, e para isso utiliza dois aspectos que se relacionam, mas que devem ser entendidos como uma análise distinta,

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p.86).

Além disso, o gênero é usado para debater sobre homens e mulheres, e como se dá as relações e as construções sociais entre esses seres de sexos diferentes, mas não da sexualidade em si. De acordo com Scott (1995), o gênero foi introduzido por feministas para debater as desigualdades presentes entre o homem e a mulher. E a partir dessa e as demais observações é possível perceber que o gênero passa a ser uma classe a ser investigada.

O termo “gênero” faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1995, p.85)

De acordo com Guacira Lopes Louro (1997), os movimentos feministas tiveram sua origem no século XIX, no ocidente, com o surgimento do conhecido movimento sufragista.

É importante dizer que nesse contexto presente no sufragismo em busca de transformações e reivindicações o movimento feminista se expandiu para as produções escritas. Como a autora enfatiza as três principais escritoras, sendo, Simone Beauvoir, Betty Friedman e Kate Millett.

No contexto do gênero, não deve ser levado em consideração o que é imposto para resultar no processo de comportamento imposto para os sujeitos masculinos e femininos. “A pretensão é, entender, o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade.” (LOURO, 1977, p.24)

E no que diz respeito a identidade de gênero, é interessante ressaltar que, assim como, o processo identitário em si não está definido devido as transformações que sofrem no decorrer do tempo, é o mesmo que acontece com o processo do gênero. Ou seja,

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO, 1977, p.27).

Na obra de Scott (1995), para construir a identidade de gênero, é levada em consideração a ideia da percepção da criança. Com isso, é válido ressaltar que a autora, assim como Stuart Hall, também utiliza as ideias de Lacan sobre a construção da identidade, partindo de um olhar mais dedicado ao processo de apreensão de símbolos capturados pelas crianças e que perpassam pelo seu cotidiano e ações no seu processo de criação. E como exemplo disso, quando falamos de gênero é preciso enxergar nas entrelinhas o que realmente acontece, coisas consideradas bobas e sem sentido podem carregar um discurso ideológico gritante. É engraçado que a maioria das mulheres mais velhas da comunidade utilizam saias, mesmo as que não pertencem a nenhuma religião. Algumas já relataram que desde a sua infância não usavam calça e nenhuma roupa que mostrassem suas curvas. Porém, hoje o cenário mudou, as mulheres mais jovens da comunidade se permitem usar o que realmente gostam e a se sentir confortável com suas roupas, sejam curtas ou longas, uma vez que, entendem que o seu corpo é o seu território e que muitas vezes é invadido independente de tamanho das suas vestes.

Diante disso, na sua obra, é perceptível que o gênero também se encontra em constante transformação. É necessário enxergar o gênero além daquilo imposto pela sociedade, que seria, no caso, o gênero visto com oposição binária entre o masculino e feminino. “De qualquer modo, a concepção que atravessou grande parte dos Estudos Feministas foi (e talvez ainda seja) a de um homem dominante versus uma mulher dominada – como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente.” (LOURO, 1997, p.37).

Em seu livro, a autora Guacira Lopes Louro (1997), utiliza bastante às ideias de Joan Scott e de Michel Foucault. Dessa forma, incentiva a desconfiar daquilo que constantemente internalizamos como comum, normal, visa prestar atenção nas relações de poder presente no nosso cotidiano entre o ser feminino e o masculino, deixando de lado o binarismo de gênero, de enxergar apenas o determinismo biológico. Deixar de lado a ideia de o homem ser oposto à mulher, e sim, compreender como seres diversos que se relacionam e precisam do outro, mas que não deixam de ser diferentes.

A definição de gênero segue um sentido único, é pensada como plural, buscando entender essa definição como uma forma de identidade, de pertencimento em diferentes grupos sociais, seja de gênero, de classe, etnia. É observar o gênero como algo além das funções, é enxergar que faz parte de si, do sujeito em questão. Procura levar em consideração a mulher enquanto sujeito visível, que mostra sua voz na sociedade. No que diz respeito a invisibilidade da mulher, Louro (1997) apresenta diversos discursos em que reproduzem que o

lugar da mulher era no ambiente doméstico. Porém, desde muito tempo, as mulheres já acumulavam trabalhos fora de casa, mas esses trabalhos exercidos sempre foram vistos apenas como uma forma de ajuda.

A maioria das mulheres da comunidade em si, e principalmente as mais velhas, foram criadas no contexto de plantar nas suas terras e ajudar os seus pais na roça. Porém, os meninos sempre tinham mais proximidade com esse campo, visto que os pais levavam desde cedo para fazer o mesmo trabalho que desempenhavam. Só que, as meninas tinham um tratamento diferenciado, não possuía essa mesma rotina que eles. Visto que, ambos acordavam cedo, no mesmo horário, mas o sujeito masculino era destinado às roças e o sujeito feminino só iria para o mesmo destino mais tarde, depois que cuidasse da casa. E isso é algo que ficou enraizado como verdade na mente delas durante muito tempo. Com isso, é compreensível que o trabalho das mulheres, muitas vezes, não é reconhecido por ser considerada parte de algo construído ideologicamente, visto como obrigação, no qual é desenvolvido no ambiente doméstico. Entretanto, há uma nova interpretação desse contexto, da trajetória de mulher obediente. Percebe-se que há uma construção nova a respeito da identidade das mulheres mais jovens, visto que, hoje as meninas são criadas sendo incentivada aos estudos, ao trabalho, a fazerem o que realmente gostam, e não arrumar marido cedo e nem filhos para não cair na rotina de dona de casa, e muitas delas, não querem aprender a cozinhar pois acreditam que o quanto menos souberem menos tempo gastarão na cozinha. Enfim, são incentivadas pelos pais, com predominância das mães, a viverem de forma independente, e que não passem pelo mesmo cenário que viveram.

A autora também traz contribuições sobre a desigualdade social definida biologicamente do homem e da mulher para privilegiar uns e menosprezar outros. Diante disso, “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — *e justificar* — a desigualdade social.” (LOURO, 1997, p.21).

Dessa forma, as mulheres realizam um trabalho braçal, repetitivo e que exige bastante esforço, carregam água, limpam o terreno com enxada, com as mãos, preparam o solo, adubando com terra de quixabeira, resíduo de sisal, esterco de animais, plantam, molham a produção, e também, o tempo inteiro estão de pé ou agachadas. No entanto, essas atividades que desenvolvem, muitas vezes são consideradas apenas como um trabalho leve. É interessante ressaltar que as mulheres circulam muito bem entre os afazeres domésticos, que muitas delas na comunidade ainda veem como obrigação, e do trabalho enquanto produtoras rurais.

É muito importante dizer que, como é definido o lugar de homem e mulher na sociedade vai muito, além disso, é um processo histórico envolvendo diversos significados que foram construídos ao longo do tempo e não apenas o sexo em si. E diante dessa afirmação, é notório que as autoras buscam excluir o binarismo existente e não enxergar o homem e a mulher como seres opostos que “não se misturam”, mas vistos e entendidos em que cada um precisa do outro. Porém, essa questão está longe de terminar, visto que ainda está presente no nosso convívio a desigualdade social do gênero, onde mulheres ainda possuem salários inferiores ao dos homens quando ocupam o mesmo cargo e mais que isso, quando são exercidas atividades desenvolvidas por homens são consideradas trabalho, mas quando feita por mulheres são consideradas como ajuda. E se tratando de mulheres rurais é ainda mais difícil conseguir emprego e fazer essa comparação entre um salário de um com o outro.

Louro (1977) também aborda o papel fundamental que a escola tem em produzir desigualdades e discriminações. Porque é justamente nesse espaço que é determinado a separação de meninas e meninos, como cada um deve se portar, os privilégios que o menino tem e a menina é sempre mais reprimida, seja no jeito de sentar, se vestir, falar. E é nesse espaço que aprendem regras do que cada um deve ou não fazer. Assim como a escola, a educação familiar também serve para reforçar a ideia dos lugares determinados pela relação de gênero na sociedade. Logo, a autora afirma que é no espaço escolar onde os “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar: se aprende a preferir.” (LOURO, 1977, p.61)

As relações de poder se originam nas relações sociais das pessoas, nas ações, nos gestos, falas, no comportamento dos grupos sociais. Os sujeitos devem ser vistos como sujeitos diferentes, mas que possuam o mesmo valor. Dessa maneira, as mulheres de Cabochard, através do trabalho em um grupo feminino, buscam quebrar, de forma consciente, essa ideia imposta pela sociedade de que o papel da mulher é apenas o do caráter reprodutivo e do cuidado com os afazeres da casa, e tornarem-se autônomas e independentes. Sendo assim, esse espaço fora de casa constituído como apoio, também é considerado um espaço de construção de saber, de luta, resistência e poder para as mulheres.

No entanto, é importante ressaltar que por mais que as mulheres saibam que não é somente delas a obrigação de desenvolver as atividades em casa, as coisas e tarefas vão sendo desempenhadas de forma quase automáticas pela maioria das mulheres, por ser um contexto que já está enraizado no seu cotidiano desde os tempos de criança. É aquela situação, cresceu vendo a sua mãe fazer e acreditam que é o certo a continuar realizando. Porém, esse discurso

atualmente já é questionado. Como é o exemplo do poema da escritora negra Conceição Evaristo, intitulado “Vozes-Mulheres”,

“A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.”

Nesse poema é possível compreender que existe uma relação de poder muito grande para com as mulheres, tenho a impressão que o poema é remetido a mulheres escravas principalmente no que diz respeito a estar em um porão de navio. Além disso, em cada estrofe é entendível que estão acontecendo mudanças, de forma lenta, em relação ao contexto da mulher na sociedade. Visto que, na primeira estrofe percebe-se que a bisavó lamentou tudo o que perdeu, mas não lutou contra, assim como a avó que foi obediente. E vemos que nas estrofes seguintes cada geração de mulheres vai erguendo um pouco da sua voz e questionando o porquê daquele destino traçado e percebendo que ecoar a sua voz, ir à luta é a melhor maneira de tornarem-se visíveis no contexto social. E, basicamente, é isso que vem ocorrendo com as mulheres da comunidade de Cabochard, bem como as mulheres do território do sisal.

Diante da contribuição tão bem posicionada no poema de Conceição Evaristo, e diante das observações nas transformações ocorridas no cenário dessas mulheres é reconhecível que cada vez mais as mulheres tem se destacado, saído do lugar pré-determinado que deveriam ocupar, de forma histórica e cultural, como Joan Scott (1995) e Guacira Lopes (1997) apresentam em suas obras e traçando novos caminhos para o seu processo de empoderamento enquanto sujeito mulher na sociedade.

Neste caso, não poderia deixar de falar o grande papel que as mulheres desempenham na sociedade valentense, mulheres batalhadoras que se organizam em prol de um bem comum para driblar a falta de emprego e se inserir no mercado de trabalho.

A agricultura é uma atividade muito importante no município de Valente, faz parte do seu contexto histórico. Antes era predominante o papel do homem neste trabalho, porém, os tempos foram evoluindo e cada vez mais as mulheres foram participando desse processo produtivo, principalmente depois da inserção da agricultura familiar que possibilita que os próprios membros da família realizem as atividades. Além do que, através desses trabalhos acontecem às interações simbólicas, o modo de plantar, preparar o solo, cuidar dos alimentos, tudo isso é resultado dos aprendizados herdados pelas gerações anteriores, bem como as experiências adquiridas com indivíduos de outros lugares.



Figura 13: Moradora da comunidade realizando o preparo de canteiros para a plantação de hortaliças. (SILVA, 2015)

E é diante desse contexto, que o grupo de produção de mulheres da comunidade rural de Cabochard se organiza em prol de autonomia financeira, e, além disso, empoderam-se a respeito do contexto social em que vivem.



Figura 14: Moradora da comunidade apanhando água para animais (SILVA, 2018).

Diante de tantas lutas enfrentadas pelo povo no sertão, com os longos períodos de seca, a falta de água, de emprego, a produção e os animais sempre são castigadas. Porém, devido a todas as dificuldades enfrentadas no sertão, o povo se mostra persistente e continua batalhando para criar seus animais, cuidar da roça e colocar alimento em casa.

E no que diz respeito no cuidado com a criação de animais, em uma fala de uma colaboradora ela diz que as mulheres também se sobressaem, visto que, são as que mais cuidam dos bichos, se preocupam em olhá-los de uma forma diferente dos homens. Ainda diz que há uma sensibilidade maior em chamar para alimentar e aplicar remédios. Também é importante dizer que na comunidade normalmente quem cuida dos bichos são os homens, porém, quando estes estão fora de casa, mais precisamente viajando, morando fora em busca de melhorias são as mulheres que dão conta de tudo.



Figura 15: Vacinando animais (SILVA, 2018).

Porém, é perceptível que ainda há uma naturalização da diferença de gênero por parte das próprias mulheres que se organizam em busca da sua autonomia e reconhecimento, mas aos poucos tem transformado e ressignificado o seu cotidiano.

E como exemplo disso, temos a história da dona A. que desempenha esse papel de cuidar dos bichos enquanto seu esposo encontra-se em uma cidade de Minas Gerais trabalhando durante quatro meses na plantação de café, para arrecadar dinheiro e trazer melhorias no seu retorno para casa daqui a quatro meses.

“Cuidar de bicho não é muito fácil porque tem que ter tempo para olhar, ver se não tem nenhuma doença, dar remédio e também carregar água. Acho que a parte mais difícil é na hora de pegar água porque a gente enche os baldes no carrinho de mão e fica muito pesado e cansativo, e também na hora de dar remédio porque os bichos são pesados para derrubar e dar injeção. Mas a gente vai seguindo assim mesmo, porque quando a gente precisa, vende o animal e gera uma rendinha extra” (INFORMANTE 01,01/2018)



Figura 16: Moradora alimentando animais. (SILVA, 2018)

Como resultado disso, surgem assim as organizações de mulheres no território do sisal e principalmente nas comunidades rurais. Neste caso, o processo de organização das mulheres possibilita que elas busquem seu espaço na sociedade, construindo sua renda, de forma suada e com muito esforço, e de certa forma, se tornam autônomas por conseguirem seu dinheiro para gastar com suas necessidades pessoais e gastos da casa sem depender do marido para tudo, visto que a imagem masculina era a de provedor do sustento da casa, possibilitando assim uma melhora na qualidade de vida da família.

O lazer para as mulheres é quase inexistente. Muitas se queixam não ter tempo para fazer nada, não ter tempo para se cuidar e nem descansar. Mas muitas vezes elas que não se permitem descansar e cuidar de si, estão atentas o tempo todo, e quando ficam sem fazer algo se queixam também.

“A rotina da gente é muito cansativa, às vezes não temos tempo de parar e sentar pra respirar um pouquinho, mas se a gente para e descansa, também é ruim, por que ficar parada se a gente sabe que tem um monte de coisa sem fazer?” (COLABORADORA 02, 11/2017)

2.1. O que se produz

Até então foi abordado que as mulheres estão organizadas na produção orgânica na qual faz parte da agricultura familiar. Dessa forma, é necessário saber quais são esses



alimentos. Bom, sendo assim, na unidade de produção são produzidos alimentos livres de agrotóxicos, preservando assim o meio ambiente e a cultura do plantio.

Figuras 17: Canteiro de coentro (SILVA, 2015).

São produzidas hortaliças como coentro, alface, couve, pimentão, pimentas, cebolinha, hortelã miúdo, espinafre, tomate, além de verduras como o quiabo.



Figura 18: Plantação de Couve (SILVA, 2015).

As mulheres produzem e comercializam na própria comunidade, em Valente e na cidade vizinha Santa Luz. Por se tratar de uma economia solidária, o que é produzido e não foi comercializado é dividido entre as integrantes do grupo.

Para a estrutura da plantação é necessário o sombrite, uma tela preta de proteção usada como cobertura para diminuir a entrada de raios solares sobre a plantação. No preparo do solo são feitos canteiros de terra e adubados com folhas de árvores, esterco de criação e resíduo de sisal.



Figura 19: Cercado coberto por sombrite, onde as hortaliças são plantadas. (SILVA, 2014)

As mulheres de Cabochará, assim como a grande parte dos produtores da região do sisal, tem o conhecimento da importância dos alimentos orgânicos para a saúde da população. Visto que, esses alimentos são livres de produtos químicos, dessa forma, sendo mais saborosos, remetendo o sabor à natureza. As integrantes do grupo de produção também têm todo um cuidado de preservar os recursos naturais. As embalagens que contém as sementes quando usadas e os sacos vazios utilizados para o adubo, são organizados e guardados para não deixar livres no ambiente e reutilizados quando há necessidade.

2.2. Uso das tecnologias

Atualmente é quase impossível chegar a um local que não tenha tecnologia e que essa tecnologia não tenha transformado a vida das pessoas que a utilizam. Diante disso, é interessante trazer as contribuições de Luis Mauro de Sá Martino (2014), na sua obra

intitulada “Teoria das Mídias Digitais - linguagens, ambientes e redes”, visto que, o mesmo traz diversas colaborações na forma como os seres humanos se relacionam com as mídias digitais. Já que, estão presentes o tempo inteiro no nosso cotidiano.

Segundo o autor, foi a partir do ano de 1995 que a internet e o acesso as mídias digitais tornaram-se parte do cotidiano das pessoas, introduzindo o acesso ao computador e aos celulares. Porém, essa popularização se deu na comunidade de Cabochard a partir de 2009, no qual, foi quando as pessoas começaram a possuir celulares. Inicialmente, poucas pessoas tinham o aparelho e não eram tão avançados. No entanto, foram aproximadamente a partir de 2012 que a maioria das famílias já possuía aparelhos de celulares, com acessos as redes sociais e aplicativos famosos do momento. Diante disso, a partir do contato com as mídias digitais e o ciberespaço provocaram mudanças ao redor dos indivíduos, desta forma, dando espaço para mais informações que antes não lhes chegavam.

Em sua obra, no segundo tópico do capítulo dois, o autor levanta as contribuições do estudo de J.A. Barnes quando faz um estudo em uma pequena vila chamada Bremnes, que tinham como atividades principais a pesca e a agricultura. Barnes queria compreender, a partir do contato com as pessoas, como aconteciam as relações sociais. Com isso, fez observação do cotidiano dos habitantes.

Dessa forma, observou na pequena vila que tinham dois tipos de trabalho, a pesca e a agricultura. Percebeu que na agricultura era uma relação mais estável entre os vizinhos e as mudanças ocorriam de forma bem devagar. Porém, a pesca era uma atividade mais dinâmica, pois havia diversas ocupações e pessoas de outros lugares que se deslocavam para trabalhar na pesca e acabavam tendo uma relação mais enriquecedora com outras pessoas, com diferentes formas de pensar. Porém,

Barnes, no entanto, identificou um terceiro campo ligando os dois anteriores. Esse terceiro campo, sem bordas ou fronteiras definidas, era constituído pelas relações sociais existentes entre as pessoas de Bremnes, laços formados por ligações de parentesco, amizade ou simples conhecimento. Os contatos não eram fixos, com novas ligações sendo formadas o tempo todo, enquanto outras eram quebradas (MARTINO, 2014, p.61).

No entanto, Barnes acreditava que essa ligação com as pessoas se tornavam uma rede social, ou seja, os vínculos que eram criados no processo de interação, até mesmo com as pessoas quem nem sempre eram conhecidas.

E é basicamente isso um pouco do que acontece na comunidade de Cabochard, porém de uma forma diferente. É perceptível que as profissões na comunidade são mais

invisibilizadas, sendo lavrador (no caso, trabalhador de pedreiras, desempenhando a função de cortar pedras manualmente e trabalhadores rurais), auxiliar de serviços gerais, trabalhador de empresa de calçados, professores e domésticas/diaristas. E realmente os trabalhadores rurais, mais precisamente as mulheres, desempenham o trabalho na agricultura familiar, e é a que mais se destaca. No entanto, realmente ocorrem mudanças de forma lenta, porém é uma relação dinâmica, visto que há diversas formas de apreensão de conhecimentos e interações sociais. Além do que, o laço social também é construído, tanto pelas próprias pessoas da comunidade quanto com os sujeitos de outros lugares.

Martino (2014), em um dos capítulos do seu livro faz uma analogia em relação a infância do avô, da sua e do seu filho. Logo, percebe que na fase da infância e nas diferentes gerações todos obtiveram contato com alguma mídia, que no caso são diferentes em cada geração. E essa diferença não se dá apenas no acesso as mensagens e sim, no meio, como são produzidas as significações e modificações no modo de pensar e entender as coisas, ou seja, na junção dos meios com as mensagens.

Diante disso, a evolução tecnológica e também dos meios faz com que a percepção de tempo e espaço se modifique. É notável que, antigamente as mulheres estavam destinadas somente aos afazeres domésticos e cuidado com os filhos e a sua jornada de trabalho antes era considerada mais árdua, devido à falta de aparelhos que facilitassem a sua vida. No entanto, as coisas foram evoluindo, de forma considerada lenta, mas que atualmente supre muito a necessidade de aparelhos que simplifique as suas ocupações e produzam maior qualidade de vida.

2.2.1 Tecnologias no ambiente doméstico e rural

A sua jornada de trabalho das mulheres anteriormente era considerada mais árdua, devido à falta de aparelhos que simplificassem a sua rotina. Hoje é notável a grande melhora na qualidade de vida a partir das tecnologias introduzidas no seu dia a dia. Todas as mulheres do grupo de produção possuem em suas casas: geladeira, fogão a gás, televisão, antena parabólica, rádio e celulares. Percebe-se que há uma melhora nas tarefas domésticas. Nos dias de hoje, as mulheres não trabalham tanto quanto antes no interior da sua residência. Nota-se que na maioria das residências ainda possui fogão a lenha, que é utilizado para não perder o costume adquirido e ainda serve como forma alternativa de economizar gás.

Com a introdução dessas tecnologias, pôde-se perceber que elas não gastam mais tanto tempo preparando a comida. O exemplo disso, quando a comida é preparada há a opção

de armazená-las na geladeira, consumir no dia seguinte ou até mesmo deixar refrigerada a semana inteira, dependendo do tipo de alimento. Sendo assim, há um aproveitamento de tempo na cozinha e esse tempo acaba sendo aplicado em outros afazeres na unidade de produção.

Normalmente, a grande parte das famílias possui algum tipo de locomoção, o mais frequente é a moto e a bicicleta, pelo menos uma motocicleta em cada residência. Mas, isso não se aplica a todas.

As mulheres têm o costume de ir à cidade pelo menos uma vez na semana para fazer as compras de alimentos e produtos para a casa. Não há transporte público fornecido pelas empresas públicas ou privadas. Os meios de locomoção são os carros de linha, que nada mais é que carros próprios de indivíduos de comunidades vizinhas que ganham a vida cobrando a passagem de pessoas que dependem do meio para fazer o percurso de locomoção da zona rural para a cidade.

Na obra de Martino (2014), é apresentado o termo *Mediapolis*, que tem como significado cidade da mídia e também significa o local onde define as regras das mídias. E um dos conflitos presentes na *mediapolis* é a desigualdade representativa. Como exemplo disso, na obra fala de lugares mais exibidos do que outros, o que de certa forma pode causar estereótipos sobre pessoas e lugares, que traz uma importância enorme para compreender a realidade aqui discutida. Já que, permite que haja uma interpretação mais direcionada. Porém, é uma área de conflito, uma vez que podem surgir diferentes narrativas para uma mesma situação e com isso há competição entre si. Como exemplo disso, é o caso dessa comunidade rural que passa por alguns estereótipos. O estereótipo de morar na zona rural e mais precisamente de ser mulher rural comerciante de hortaliças. As mulheres do grupo de produção carregam um pouco desse preconceito consigo o de ser mulher, que ainda é um trabalho desvalorizado e o fato de ser da zona rural. Porque, quando se pensa em mulher do sertão, mais precisamente de mulheres que moram em comunidades rurais, logo vem à mente da maioria das pessoas a ideia de um povo isolado, sem acesso à civilização, a tecnologias, ao estudo; são vistas como pessoas que nunca saíram do seu lugar natural, que desconhecem outros lugares, outros estados e que se dedicam o tempo inteiro para os afazeres domésticos, ao marido e os filhos.

Em decorrência disso, de acordo com o Martino (2014), as relações das pessoas são vivenciadas nas telas, na qual há uma supervalorização do “eu”, o que é encarado de forma bem comum, criando assim através de imagens, um mundo de aparências, principalmente o mundo de aparência abordado nas telas. Telas essas que estamos em contato

o tempo inteiro, sendo reproduzidas informações estereotipadas de diversos contextos sócias, como é o caso da TV e o que é reproduzido nela, principalmente em novelas.

Diante disso, as mulheres de Cabochard também sofrem algumas dificuldades com a falta de transporte para se locomover. Os carros são pagos, não tem um horário fixo para passar na comunidade. Talvez o que tenho para falar agora fuja um pouco do tema, mas acho relevante dar o meu depoimento sobre esse contexto do preconceito e do transporte. Quando criança e até adolescente, muitas vezes precisei ir com minha mãe para a feira em Valente e na cidade vizinha Santa Luz para ajudar com a venda dos alimentos colhidos na roça, e fazer isso me fazia sentir vergonha, não da venda em si dos produtos, mas da ida e da volta das cidades, visto que os carros de linha como são chamados aqui, eram velhos, a bujão, sem conforto nenhum, e nessas lotações era um carro comum, o normal seriam viajar apenas cinco pessoas contando com o motorista, mas cabiam sete ou oito pessoas, e lembro-me de abaixar a cabeça sempre quando entrava no carro e só levantar quando percebia que saía de dentro da cidade para meus colegas não me verem naquela situação. Ou seja, as pessoas eram espremidas e detalhe, isso acontece até hoje a respeito das condições dos transportes. E em consequência disso, na escola sempre ocorria aquele preconceito com os estudantes vindos da zona rural, chamados de matutos, que não conheciam as coisas e não sabiam andar na cidade. No entanto, em relação à desigualdade do transporte, é relevante pensar que a comunidade rural é um local desigual comparado à cidade e as facilidades de acesso que o ambiente urbano tem em relação ao rural. Principalmente no que se refere ao transporte na comunidade, as dificuldades do grupo para levar a mercadoria para a cidade, que muitas vezes é levado em motos por não encontrar transporte disponível, o que não seria ideal, pois acaba machucando a mercadoria.

É interessante refletir sobre essa questão, que geralmente moradores de comunidades rurais naturalizam sem nem mesmo se dar conta, especialmente desse preconceito que gera entre as pessoas da cidade com as pessoas da área rural. Entretanto, como a organização das mulheres vem crescendo de maneira empoderada, mostrando seu lugar no mundo, com a trajetória de mulheres corajosas que lutam para conseguir direitos e melhorias de vida tem conseguido se destacar mais na sociedade e de certa forma amenizado essa situação.

O trabalho duro que as mulheres realizam de duplas, triplas e incontáveis jornadas são invisíveis. Ao que parece, e o que elas também sentem, é que não é considerado pelas pessoas a sua volta a sua qualidade de vida, é como se não tivessem o direito de se cansar ou tirar trinta minutos do seu dia para sentar, visto que logo perguntam, no caso os maridos, se

estão doentes porque está quieta. Mudar essa realidade não é fácil, pois o fato de nascer mulher nesse contexto já é quase predestinado. E isso é bem contraditório, porque atualmente a agricultura familiar está sendo mais valorizada, é evidente a importância que elas desempenham na sociedade. Nas feiras livres das cidades que as mulheres comercializam as hortaliças, percebe-se que há uma procura grande de produtos naturais, livres de produtos químicos, o que demonstra que a sociedade está mais preocupada em cuidar da saúde e evitar futuras complicações. Além do que, nos centros das cidades vizinhas há barracas específicas para produtores da agricultura familiar e a grande ocupação desse local é composta por mulheres. Porém, elas sabem dessa importância de ocupar os espaços, mas sentem que ainda são muito desvalorizadas.

E no que diz respeito a unidade de produção não há grandes avanços tecnológicos, no sentido de técnica mecanizada para a produção da agricultura. O trabalho é manual e braçal mesmo, caracterizando ainda mais como agricultura familiar.

Já as tecnologias inovadoras na área do trabalho são as inserções de cisternas de produção para armazenamento maior de água para a manutenção da atividade, sem contar que, com esse ganho houve a melhoria no tratamento da água também, visto que não corre o risco de consumir água contaminada. É válido frisar, que o grupo de mulheres produtoras não possui um sistema de irrigação, visto que não é da cultura da comunidade utilizar essa alternativa. As mulheres preferem usar o regador de plástico para o carregamento da água até as hortaliças. Realmente, as conquistas são lentas, porém, são essas pequenas coisas que devem ser observadas por um olhar mais subjetivo, que fazem enorme diferença para o convívio do coletivo em Cabochard.

2.2.3 Tecnologias mediadas

Observa-se que não tem como fugir da tecnologia e a partir da interação mediada existe uma alteração no modo como as pessoas pensam e convivem umas com as outras. Ou seja, o autor Martino (2014) explica essa situação dizendo que a partir da mediação técnica e as informações que lhes são chegadas, a interação das pessoas pode ser modificada, visto que, a forma como nos relacionamos com a mídia modifica o modo como nos relacionamos com o mundo.

Os meios de comunicação mais utilizados na comunidade é a televisão, o rádio, celular e internet. Nenhuma família possui telefone. Na grande parte das casas as televisões

são analógicas e contém até 21 polegadas, conta também com antenas parabólicas em suas residências. Porém, algumas poucas moradias dispõem de antena de TV por assinatura.

No caso, na comunidade compreende-se que as tecnologias se ampliaram comparando a anos anteriores, visto que, as maiorias da população da comunidade, em suas respectivas residências têm um celular para cada integrante do lar. A maioria dos moradores quando questionados porque não possuem computador respondem não sentir a necessidade de ter um em casa, já que possuem celulares e acaba suprimindo as necessidades mais básicas, como fazer ligação, manter-se informados de forma mais rápida, enviar mensagens, ouvir músicas, tirar fotos, utilizar a internet e entre outras opções.

Sendo o rádio, a televisão e celulares *smartphones* os meios mais utilizados dentro da comunidade, a internet não é acessada pela grande maioria, uma vez que, poucas casas têm a sua “própria” internet (antena específica, sistema de distribuição do sinal de *Wi-Fi*), a maioria dos que utilizam são jovens através de plano de dados da operadora de telefonia, sendo a “Claro” a operadora de telefone mais utilizada. No entanto, a internet móvel é mais desfrutada porque, de certa forma, é mais acessível. É possível perceber que com o uso da internet há uma aproximação maior das pessoas que são da comunidade, mas que estão longe. Além disso, as redes sociais mais usadas são o *Instagram*, *Facebook*, *Youtube* e *WhatsApp*, bem como, sites de pesquisas para fazer trabalhos do colégio. Porém, o *WhatsApp* também é utilizado como forma de compartilhar notícias locais de forma mais rápida.

Quando se deu início à pesquisa de IC na comunidade apenas três residências possuíam sistema de distribuição do sinal da internet através do *Wi-Fi*, porém hoje esse número cresceu um pouco mais. É perceptível que existe pelo menos dez casas. Importante dizer que, a respeito da desigualdade na distribuição da rede, é possível perceber que na zona rural o sinal é mais fraco, as quedas de internet são mais frequentes.

A televisão é o meio mais utilizado para obter informações e como forma de lazer. A partir desse uso, é claro, produz alterações na forma como acontece essa interação. Visto que, os discursos vinculados na TV muitas vezes são tendenciosos e a informação acaba formando o indivíduo, pois a partir do momento que temos contato com uma informação sobre determinado assunto faz uma mudança na forma de vermos o mundo. A televisão é um meio tão necessário na comunidade que é um dos primeiros eletrodomésticos comprados para uma casa que ainda não possui nem geladeira ou sofá. Como também, é notável que muitas pessoas da comunidade não saibam ler e se baseiam pela escuta para ficar atualizados sobre as notícias do dia a dia. Os programas mais assistidos são: jornal nacional, programas

jornalísticos da *Band* e *Record*, bem como usufruem muito do *Big Brother Brasil* e novelas como forma de entretenimento.

Com isso, é notável que cada vez mais as tecnologias sejam utilizadas e inseridas no cotidiano das pessoas. Há um pouco de relutância por parte das pessoas mais velhas por supor que não conseguem se adaptar as novas formas de interação causadas pelas tecnologias ou por simplesmente não possuir interesse em utilizar. Porém, é interessante olhar a interação totalmente diferente que as crianças possuem em relação a tecnologia. Visto que, desde pequeninas já estão inseridas nesse contexto “atualizado”. Aprendem muito rápido a usufruir e tem um contato muito grande com a rede. Além disso, atualmente os brinquedos estão cada vez mais incitando crianças ao uso das tecnologias.

Na obra de Martino (2014), a mediação é entendida como uma ação que acontece pelos meios de comunicação, além de ser uma forma de transformação através da mídia, permitindo novas formas de interações. Ou seja, faz com que haja uma nova forma de realizar as coisas que fazemos. De acordo com Livingstone, na obra de Martino(2014), a mediação vai além dos meios de comunicação e é expressada nas práticas sociais das pessoas, adentrando seu cotidiano e aumentando a interação. Diante disso, podemos perceber que a televisão, o rádio e a internet possuem uma grande carga de importância na transformação dessa comunidade. Porém, a internet em menor grau de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou conhecer um pouco mais do cotidiano da comunidade de Cabochard e o quão repleta de significados ela possui. Além disso, é notório que na comunidade, bem como, no grupo de mulheres a comunicação enquanto ato simbólico de significação é marcado pela circulação de informações pelo diálogo, como simples forma de interação entre os seres humanos. Os conhecimentos adquiridos com o tempo de acordo a vivência em casa e na comunidade acabam virando experiência. Uma vez que, os processos de trocas simbólicas adquiridos com esse processo natural do comum criam uma linguagem compreensiva e singular da unidade, construindo sua identidade.

Do mesmo modo que a experiência da comunicação das mulheres produtoras perpassa pelos processos interativos com a sua comunidade, sua família, visita a outros lugares, participação em palestras, venda dos seus produtos nas feiras livres, ocasionando em mais conhecimentos e de acordo com a sua visão de mundo decidem ou não adotar as práticas para suas vidas. Também perpassa pelo processo de interação por parte das tecnologias e mídias, que de certa forma, acabam transformando as relações entre as pessoas. E como foi abordado a respeito dos usos das tecnologias, em meio à era digital que vivemos, a comunidade é tida como atrasada em relação a isso. Porém, apesar de ser necessária mais igualdade na forma de acesso é notável que as pessoas podem muito bem viver sem o contato com a mídia, porém para continuar informados e por dentro do que acontece no mundo é necessária essa interação entre os meios e não só com pessoas. E desse modo, as experiências comunicacionais adquiridas pelos processos do interacionismo simbólico, bem como experiências midiáticas, permite que os indivíduos ajustem as suas diferenças em comum, e principalmente como algo ontológico e adquirido com o tempo, uma ação espontânea de passar informações no cotidiano com as pessoas que convivem.

Essas mulheres da unidade de produção da comunidade de Cabochard tem um jeito singular de pensar, de trabalhar, se portar no mundo. É possível notar o quanto é importante à organização de mulheres enquanto grupo social, o empoderamento que este agrupamento lhes permite, a partir da interação com outras companheiras, que participam de intercâmbios de feiras de agricultura na sua cidade e nas outras cidades vizinhas, além das participações em exposições, feiras, palestras e seminários.

Em decorrência disso, partindo das ideias de Blumer (1980), nota-se também, que a interação social vivida pelas mulheres produtoras é uma forma imprescindível para o convívio em grupo, uma vez que os significados de qualquer coisa dependem da interação

humana, dos valores, crenças e fatores culturais de cada indivíduo, tornando o convívio social impossível sem uma produção de sentido. E é justamente isso, a interação com outras pessoas de lugares diferentes do seu só tem a acrescentar na vida dessas mulheres, visto que produzem mais significados para suas ações na busca da independência e reconhecimento do seu valor enquanto produtoras rurais. Porém, a agricultura ainda é vista apenas como uma ajuda, já que era entendida como um trabalho duro e pesado, no qual só o homem era capaz de executar esta atividade. Então, como as mulheres não abandonaram as tarefas domésticas, a dedicação com os filhos e o marido, a agricultura é percebida como uma forma de ajuda tanto para as mulheres quanto para a comunidade em si, mas que aos poucos esse conceito formado está sendo reconstruído. Por fim, a experiência que as produtoras da comunidade adquirem umas com as outras é uma forma de expressão da vida, uma troca do eu com o que acontece no mundo, a ideia de seguir sempre em frente. A experiência e as interações vistas como uma coisa contínua acontece exatamente a partir dessa interação social, sejam com presença de emoções, valores, ideias e trocas de pensamentos ou divergências. Dessa forma, as práticas simbólicas contribuem de forma bastante relevante a respeito das identidades e diferenças sociais construídas pelas mulheres que continuam pela busca por autonomia e espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M.; FLICK U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARTHOLO, Raquel. Resenha de "A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana, de Erving Goffman". 2013. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-De-aRepresenta%C3%A7%C3%A3o-Do-Eu/602037.html>>. Acesso em: 14 de Abril de 2018
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, David (Ed.). Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- CORDEIRO, Rosineide. Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão de Pernambuco. São Paulo: Tese de Doutorado (Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, Martins Fonte, 2010.
- FERREIRA, Louise. Interacionismo simbólico. Disponível em: <<http://louisecomunicacao.blogspot.com.br/2010/11/interacionismosimbolico.html>> Acesso em: 29 de Abril de 2017.
- GODOY, E. V; SANTOS, V. M. **Um olhar sobre a cultura**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.30, n.03, p.15-41, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. mPorto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SALLES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007.
- SANTOS, Vilbégina Monteiro dos. **Cartografando as produções de sentidos: recepção radiofônica do projeto político-identitário no Território do Sisal**. Salvador, Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011, 141 p. (Dissertação de Mestrado).

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOILO, Andressa Nunes. **A Arte da Fotografia na Antropologia: o Uso de Imagens como Instrumentos de Pesquisa Social**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais-IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.73-80, Dezembro. Disponível em:< www.habitus.ifcs.ufrj.br >. Acesso em: 16 de nov. de 2015.

SOUSA, Mauro Wilton de. O lugar social da comunicação mediática. Núcleo de comunicação e educação da universidade de São Paulo. São Paulo, [2002?]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/10.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2017.

VIANA, Moisés dos Santos; CARVALHO, Renata Coppieters. **Pressupostos da identidade popular: aspectos reflexivos**. Revista Simbiótica-UFES-Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Espírito Santo, v.2, n.1, p.183-201.

VIANA, Moisés dos Santos. **A identidade em imagem: retratos da feira-livre de Coité-BA**. In: SINBAIANIDADE-Simpósio Internacional de Baianidade e II CILLAA-Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Africanas e Afro-Brasilidade, 2015, Salvador. Anais. Salvador: UNEB, 2016. p. (s.n.).

Vozes-mulheres de escritoras e intelectuais negras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vozes-mulheres-de-escritoras-e-intelectuais-negras>. Acesso em 11 de Abril de 2018.